

## O nascimento da prisão em Londrina de 1930 a 1955.

*Ingrid Carolina Ávila*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa analisa a ação do aparato policial na cidade de Londrina (PR) entre os anos de 1934 a 1955. A polícia nasce ligada aos interesses da elite cafeeira, em defesa da estrutura social vigente no processo de colonização do Norte do Paraná. Entretanto, analisando autos criminais e periódicos percebemos que há uma contra reação da população, pois, ao impor medidas proibitivas para sanar conflitos sociais, surgem disparidades entre o desenho formal do aparato policial e a realidade, a população agia de acordo com regras distintas, alicerçadas em situações sociais estabelecidas entre os diferentes segmentos. Pensando sob a ótica de Michel Foucault, nesse ambiente o poder circula, nos deparamos com diferentes agentes sociais utilizando estratégias em um jogo de interdependências, numa rede estruturada de relações nas quais os grupos detentores do poder político exercem importante papel para modelar comportamentos.

**Palavras chave:** Poder, Aparato policial e Londrina.

### The Birth of the Police in Londrina, 1934 to 1955

**ABSTRACT:** This research analyzes the action of the police apparatus in Londrina (PR) between the years 1934 to 1955. The Police born linked to the interests of the coffee elite, in defense of the existing social structure in the North Paraná colonization process. However, analyzing criminal records and journals realize that there is a counter reaction population, therefore the prohibitive measures to remedy social conflicts, arise disparities between the formal design of the police apparatus and the reality, the people acted according to different rules, grounded in social situations established between the different segments. Thinking from the perspective of Michel Foucault, that the power, circulates environment, faced with different actors using strategies in a game interdependencies, in a structured network of relationships in which holders groups political power have an important role to model behavior.

**Words-Key:** Power, Police Apparatus, Londrina.

Artigo recebido em 07/11/2014 e aceito em 25/11/2014

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

INGRID CAROLINA ÁVILA

Londrina situa-se na região Norte do Paraná, fundada em 1934, a cidade foi loteada pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CPTN). O poder público local divulga que a cidade nasceu por financiamento do capital inglês, atualmente constroem-se monumentos inspirados na cidade de Londres como cabines telefônicas e uma passarela na entrada da cidade que plagia o relógio *Big Ben*, Londrina fabrica sua memória.

Acredita-se que a CPTN chegou à cidade por volta de 1929, e dividiu os lotes de terra colocando-os a venda. Segundo Paulo Benatti, o Governo do Estado do Paraná negociou as terras com a CPTN, por uma bagatela, além disso, exigiu “*construção e exploração de uma rede ferroviária, a venda de lotes urbanos e rurais, e, ainda que indiretamente, o plantio de café*”.<sup>III</sup>

Até algumas décadas atrás, a história que se contava era a de que, até o século XIX a região Norte do Paraná era uma área habitada por indígenas, conhecida também como os Sertões do Gayrás, sertanistas e posseiros também ocupavam a região. A história do vencedor impera no imaginário da cidade, quando a Companhia comprou as terras, os índios foram empurrados para as extremidades, Tomasino, alega que, “*a porção de terras dos indígenas foi diminuída de 50.000 para 6.300 há*”.<sup>IV</sup>

A história de Londrina pode ser contada através da sócio- dinâmica da exploração, escolhemos trabalhar a década de 30, pois, ela marca o início da história da cidade, contudo, existem documentos que revelam que antes da chegada da Companhia, já havia uma série de imigrantes na região (advindos do Sudeste e Nordeste). Essa população não possuía documentação de posse das terras, sendo expulsa quando a companhia se instalou.

Além disso, levantamos a hipótese de que, houveram levantes sociais (entretanto, ainda não possuímos documentos necessários para comprovar a legitimidade dessa teoria), pois a polícia surge nesse momento como uma extensão do poder da Elite. Nossa pesquisa consiste em analisar o nascimento do aparato policial na região e como ele se desenvolveu até 1955, data em foi construído o Cadeião (terceira cadeia da região) nesse momento a atividade policial e o cenário penal da cidade de consolidam.

Em *Londrina Cidade Cenário*, Shimba e Uren, alegam que, “*não houve nenhum plano racional de extração de madeira de reflorestamento a Peroba Rosa, o Pau Marfim, Cabreúva, coração Negro, Óleo Pardo, Pau D’alho, Pinho, Caviúna, entre tantas outras, foram extirpadas para dar lugar à lavoura e à cidade*”.<sup>V</sup>

Os autores destacam uma infinidade de espécies arbóreas que foram dizimadas, no entanto, não se propõem a problematizar e discutir os aspectos culturais e sociais do

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

INGRID CAROLINA ÁVILA

nascimento da cidade, pelo contrário, acreditam que a Companhia foi a responsável por trazer o progresso a região, essa concepção histórica, foi a base para muitos trabalhos até a década de 90.

A partir desse período uma série de historiadores influenciados pela *Escola de Annales*, se propõem a pensar a história da cidade, através de novos prismas, assim, surgem trabalhos como *O El Dourado: Representação da política em Londrina 1930-1975*(1998) de José Miguel Arias Neto, *O policiamento e a ordem: repressão e violência (1948- 1962)* (2013), de Rivail Carvalho Rolim, *O centro e as margens: boemia e prostituição na Capital Mundial do Café* (1996) de Antônio Paulo Bennatti e *Noites ilícitas: histórias e memórias da prostituição* (2005,) de Edson Holtz.

Esses livros redefinem a historiografia da cidade, tendo em vista que se desviam da história narrada do ponto de vista do vencedor, nesses trabalhos, os presos, as prostitutas, os subversivos ganham voz (ainda que agissem muitas vezes de forma velada). A regra não é mais o centro, mas a margem, as franjas, a periferia. Para os autores os “marginais” também ajudaram a constituir a memória da cidade, sua história também deve ser apreciada.

Paulo Benatti critica a inocente concepção de Shimba e Uren, segundo o autor o desmatamento foi todo planejado, fruto de um planejamento burguês, capitalista e progressista.

No plano da CTNP, a rede urbana foi projetada para suprir a demanda da população rural por bens e serviços. Essa função foi atribuída principalmente aos núcleos maiores, planejados como cidades-pólo, por sua vez hierarquizadas em torno de uma capital regional, que seria a função historicamente desempenhada por Londrina. As cidades nasciam assim com uma espécie de predestinação: fornecer os quadros e equipamentos urbanos de uma região predominantemente agrícola (e virtualmente monocultora), voltada para a economia de exportação. Sem risco de paradoxo, poder-se ia dizer que são cidades agrárias, principalmente nos primeiros anos de sua formação. Mas também foram núcleos urbanos projetados para que se tornassem cidades modelares, isto é, ordenadas e disciplinarizadas (...) E, portanto, um projeto extremamente autoritário de cidade, como autoritário é todo projeto que se volta para a manutenção e reprodução da ordem social do capitalismo.<sup>vi</sup>

Para analisar o contexto do nascimento da cidade utilizamos O *jornal Norte do Paraná*, que nasce por volta de 1934 (data em que surge o município de Londrina, pois até então era distrito da cidade de Jataizinho conhecido como Patrimônio Três Bocas). Entretanto, o órgão responsável por sua conservação, Museu Histórico de Londrina, Padre Weiss, ao disponibilizar o arquivo digitalizado, não cumpriu com a responsabilidade de zelar por essa rica documentação.

Nossa intenção primária era confrontar os autos criminais e o Jornal, pois ele foi subsidiado pela CPTN, no entanto, essa documentação perdeu-se em meio a burocracia, e a falta de responsabilidade dos funcionários da instituição, os resultados apresentados nessa pesquisa são fruto de investigações anteriores a perda do material, entramos com uma petição junto a Universidade Estadual de Londrina (UEL) para levantar o paradeiro da documentação.

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

### INGRID CAROLINA ÁVILA

Muitos pesquisadores acreditam que a CPTN atraiu um contingente de entrada para a região, no entanto, essa concepção pode ser desconstruída em *Londrina raízes e dados históricos*, Klaus Nixdorf, afirma que uma série de imigrantes já habitavam a região mesmo antes da chegada dos ingleses.

Antes dos ingleses, dos demais estrangeiros e dos patrícios oriundos de vários Estados do Brasil, destacadamente São Paulo e Minas Gerais, já haviam chegado às terras da futura Londrina os brasileiros de primeira hora. E quando, aqui apontaram, encontraram índios. Não se pode ignorar a presença dessa civilização da selva. (...) Os irmãos Palhano – Mábio, Joaquim, Joaci, Edson, Heber, Kepler e Mário fixavam-se em Jatay em 1926. Porém, Mábio que era agrimensor engenheiro, já andava por estas terras em 1918. Dois anos depois eles compraram uma gleba na região onde hoje se situa a Universidade Estadual de Londrina.<sup>VII</sup>

Sem dúvida, esse novo ponto de vista abre precedente a novas interpretações sobre a história da cidade, pois até hoje, acredita-se que a atração de população produtiva foi uma iniciativa da CPTN, entretanto o autor alega que regiões próximas também haviam moradores.

Em São Roque, que se converteria em Tamarana e viria a incorporar o território de Londrina, chegavam no começo da década de 20 Arlindo Pessoa Araújo, Evaristo Camargo, Francisco Soares e Olímpio Moraes. Após aqueles viria o ponta-grossense Euzébio Barbosa de Menezes, dando origem no ano seguinte ao patrimônio São Luiz.<sup>VIII</sup>

A região adquirida por Mábio Palhano é conhecida atualmente como *Fazenda Gleba Palhano*, localizada na região Oeste, estão concentrados os maiores empreendimentos imobiliários da cidade. O caso de Mábio precede uma exceção, pois ele havia negociado as terras diretamente com o Governo do Paraná e possuía a certificação da compra de terras. Nem todos tiveram a mesma sorte e foram expulsos pela loteadora para dar lugar ao “progresso” pujante que advinha do capitalismo frenético.

Para mensurarmos empiricamente esse movimento, basta informarmos que Londrina, tendo sido fundada em 1932, foi elevada à categoria de cidade em 1934 e a comarca em 1938. Um dos jornais que acompanhou pari passu sua formação e seu desenvolvimento registrava que no local destinado a erguê-la não havia uma única habitação, mas em 1931 tinham sete casas e em 1934, a cidade já possuía 554 residências.<sup>IX</sup>

Com o crescimento vertiginoso da cidade era necessária a criação de dispositivos de segurança pública, nasce, portanto, um corpo jurídico responsável por zelar pela segurança da população. Entretanto, a proteção é destinada somente aos diretores e funcionários da CPTN, o restante da população fica a mercê da sorte e muitas vezes promove sua própria segurança.

Em *Os Porões da delegacia* (1998) Marinósio Filho, apresenta a consolidação e a tirania do sistema judiciário de 1930, segundo o autor, o primeiro delegado da cidade foi:

Carlos de Almeida, paulista de São Carlos, chegou a Londrina em 1931 como funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná. Era Administrador na construção da linha férrea. Seu espírito comunicativo fez com que tivesse grande número de amigos. (...) A formação de Carlos de Almeida era

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

INGRID CAROLINA ÁVILA

incompatível com a condição de delegado (...) fizeram-no policial por acaso. A gestão de Carlos de Almeida foi morna, mansa e tranquila. Sem perseguições, nem arbitrariedades. Permaneceu seis anos na função. Já no final, as coisas começaram a ficar “pretas”. Londrina era perfil de distrito e delegado de Cacique. Falava-se em assassínios e assaltos. A grilagem de terras já constituía problema, e muito sério, A sede do judiciário era distante-Jataizinho- o transporte uma temeridade. Carlos de Almeida deixou a Delegacia no começo de 38.<sup>X</sup>

A primeira cadeia da cidade de Londrina instalada à Rua Maranhão esquina com a Duque de Caxias, área central da cidade em 1933, se assemelhava a um caixa de madeira. Alguns jornais, como o *Paraná Norte*, afirmavam que era “*um caixote enorme capaz de conter dois pianos (...) e de quando em vez é mudada de lugar, transportada num caminhão ou no ombro de dois homens*”.<sup>XI</sup>

No fim de 1934, a cidade elevou-se a condição de município, mas precisamente no dia 03 de Dezembro, houve a criação do Distrito judiciário de Londrina. “*Com a posse de João Wanderley como juiz de paz e Guilherme Braga de Abreu Pires como escrivão de Paz, este com funções de tabelião, oficial de registro civil (nascimento, óbitos e casamentos), escrivão de polícia e escrivão eleitoral da 41.*”<sup>XII</sup>

Nesse momento surge na cidade um aparato policial de segurança pública, havia um local onde os transgressores pudessem ser contidos, e o distrito judiciário onde seria lavrada a transgressão, no entanto, a aplicação da lei nesse momento é reponsabilidade da CPTN que elege um de seus funcionários para assumir a função de delegado.

Ainda não existia na região concursos públicos para a promoção de funcionários, a nomeação se dá na informalidade, os comissários, como eram chamados na época, possuíam pouco ou nenhum treinamento para o exercício da função, eles trabalhavam sozinhos, o cotidiano é o que lhes permitia adquirir experiência no cargo. Nesse momento não existia a profissionalização do aparato policial.

Na década de 30 o policial cumpria muito mais o papel do capataz do que de policial, a questão da ordem e da disciplina, ainda não estavam presentes nesse contexto, estamos falando de uma instituição que acaba de nascer e precisa de tempo para se consolidar. Em 1939 há a construção de um novo aparelho de contenção de marginais: *a construção da segunda cadeia pública de Londrina ocorreu em 1939. O Hotel Luxemburgo ofereceu um coquetel para o capitão chefe da polícia do Estado Fernando Flores para comemoração deste importante evento*<sup>XIII</sup>. O segundo delegado de polícia passa a ser Aquiles Ferreira Pimpão, durante anos Londrina vivera a ditadura do terror, pois o delegado comandava a cidade com mão de ferro.

Em meados de 38 ele assumiu a delegacia de polícia para colocar a casa em ordem. Foi num clima agitado que chegou em Londrina. Dias após sua posse mudaram a delegacia para dois cômodos de madeira, um pouco acima da Empresa Elétrica. A cadeia permaneceu por mais algum tempo nas esquinas da Mato Grosso e Maranhão. Era imunda e apertada, sem água e luz. O sanitário, uma fossa de um metro por dois. Sem higiene nem segurança. Mais marginais haviam descoberto a “América” que se erguia em Londrina. Os assaltos já se tornavam cotidianos. (...) Todo desconhecido era preso.<sup>XIV</sup>

O delegado Pimpão ainda hoje é famoso pela truculência com que tratava a população uma de suas vitimas relata que, foi preso diversas vezes e sobreviveu “por milagre”.

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

### INGRID CAROLINA ÁVILA

Quando a gente era preso, depois de muita porrada, em bom estilo, botavam a gente num caminhão. (...) Levavam prá barrancas do Rio Tibagi. Lá a gente levava surra de chicote. Obrigavam a gente beber uma caneca de óleo de rícino, depois jogavam a gente no rio. Tudo debaixo de muita bala. (...) Claro que poucos se salvavam, o resto a água arrastava.<sup>XV</sup>

Nesse momento há uma redefinição no aparato policial da cidade, o delegado Pimpão havia feito o curso para oficialato, e ingressado na polícia como praça de pré, esse processo havia sido realizado em Curitiba e posteriormente os comissários eram enviados para o interior. O comissário de polícia ficou no cargo aproximadamente cinco anos, pois segundo o autor Marinósio filho “*não resistindo às pressões políticas, caiu*”.<sup>XVI</sup>

Pimpão combatia a criminalidade na cidade com mãos de ferro, seus métodos eram arcaicos e violentos. Ao fazer um levantamento da criminalidade em Londrina entre os anos de 1938 á 1942, noto que há em torno de 10 crimes por ano, essa proporção só aumenta depois de 1945, talvez porque algumas formas de transgressão fossem abordadas na ilegalidade, sem um código civil para mediar às relações polícia-população. Londrina seguia a lei dos poderosos e daqueles que a faziam valer.

Sem dúvida há uma relação entre e a CPTN e o poder público que apesar de ter extensões novíssimas beneficia os membros da CPTN e vice e versa. Nesse momento a polícia começa a se reconhecer enquanto instituição. Mary Douglas em *Como as instituições pensam* arquiteta uma teoria cognitiva que oferece um suplemento às debilidades da análise institucional, assim a autora concebe que as instituições classificam, rotulam, reduzem, entretanto, os indivíduos se movem dentro dessas classificações.

As instituições dirigem sistematicamente a memória individual e canalizam nossas percepções para formas compatíveis com as relações que elas autorizam. Elas fixam processos que são essencialmente dinâmicos, ocultam a influência que eles exercem e suscitam emoções relativas a questões padronizadas e que alcançam um diapasão igualmente padronizado. Acrescente-se a tudo isso que as instituições revestem-se de correção e agem no sentido de que sua mútua corroboração flua por todos os níveis de nosso sistema de informação.<sup>XVII</sup>

Entendemos que há um processo de tentativa de dominação e normatização da população que adentra o espaço cidadão, no entanto, essa população marginalizada se move dentro desse esquema de dominação. Dessa forma, nos baseamos nos conceito de Michel Foucault, pois entendemos que o poder deve ser entendido através da microfísica, ou seja, redes periféricas, pois ainda que a CPTN tentasse higienizar e vigiar a cidade, os indivíduos criam meios de burlar essa fiscalização, dessa forma, o poder não pode ser identificado.

Um exemplo é o de um horoscopista, que foi pego praticando as artes da “feitiçaria”, o aparato policial alegava que o contraventor:

(...) Vem anunciando pela imprensa e rádio suas qualidades de astrólogo e horoscopista, capaz de encontrar nos astros a explicação para males humanos, expoz numa das casas comerciais desta cidade quadros de propaganda onde se declara doutor e tem encontrado nesta cidade campo fértil e vasto para explorar a credibilidade pública mediante sortilégios, predição do futuro, explicação do sonho ou práticas congêneres.<sup>XVIII</sup>

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

### INGRID CAROLINA ÁVILA

Além de utilizar as rádios e os jornais como meio de divulgação ele ainda espalhava alguns cartazes por pontos de grande circulação, como a casa de tecidos Fuganti, o material foi recolhido e anexado ao processo e dizia: “*Famoso Astrólogo estudando as estrelas Gabinete de Estudos e Trabalhos, os oficiais*”.<sup>XIX</sup>

O interessante é que a Folha de Londrina anunciava em Outubro uma secção diária sobre Astrologia, o anúncio dizia que: “*Horóscopo do dia a cargo do Astrólogo DORSAN*”.<sup>XX</sup> Segundo o jornal, o astrólogo era natural de Paris e havia se revelado telepata ainda enquanto criança. Anexado ao processo está a alegação do advogado, ele utilizou o jornal para alegar que:

(...) dedicando-se a astrologia a Grafologia, estudos como esses a que se dedica com amor a vários anos, publicando suas observações em jornais e respondendo gratuitamente á consultas que lhes são feitas, gratuitamente. Não explora êle a credibilidade pública (...) Em todos os jornais e almanaques editados e publicados no Brasil, encontramos seções dedicadas unicamente aos horoscopistas. .<sup>XXI</sup>

No entanto, o juiz nega a alegação do advogado e o Horoscopista permanece na prisão durante três anos. Dessa forma, o trabalho de Michel de Certeau nos ajuda a compreender como existem táticas desviacionistas que infringem a lei do lugar. Ainda que houvesse uma série de normas (sociais e judiciaria) esse individuo conseguiu manipula-las e postular seu lugar, sua mobilidade era construída em um local invisível. Contudo, em uma atmosfera enfeitada pelos poderes, o aparato policial age através do que Foucault chama de Panoptico:

Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu principio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos. As cerimoniais, os rituais, as marcas pelas quais se manifesta no soberano o mais poder são inúteis. Há uma maquinaria que assegura a dissemetria, o desequilíbrio. (...) O panoptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça.<sup>XXII</sup>

A ideia do Panoptico nasce com Jeremy Bentham no século XIX, segundo ele se construiria uma torre no centro das prisões, as celas seriam todas de barras de ferro, no alto dessa torre ficaria um agente que vigiaria a conduta dos condenados, observou-se que depois de algum tempo, ainda que o guarda não permanecesse na torre os presos se comportavam da mesma forma, ou seja, continham-se nas suas ações. Michel Foucault amplia a concepção do panoptico, segundo o autor, vivemos em sociedade e somos a todo tempo vigiados, para a ótica do capitalismo é mais lucrativo vigiar do que punir.

Em um cenário como esse, a fofoca auxilia na dinâmica da hierarquia social, enquanto legitimadora de algo ela contribui para evitar formas de transgressão, os indivíduos estão controlando e vigiando-se mutuamente através desse mecanismo. No caso do horoscopista ele foi delatado (não se sabe se por vingança) foi punido para servir de exemplo.

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

INGRID CAROLINA ÁVILA

Já na década de 40 a estrutura social londrinense está completamente modificada, a CPTN publicara no Norte do Paraná um folheto propagandístico intitulado “Sinta a alegria de viver no Norte do Paraná”.<sup>xxiii</sup> Nesse período a população urbana da cidade é de 10.531 habitantes, e a população rural de 64.765 habitantes, totalizando 75.296 mil pessoas.<sup>xxiv</sup> Entretanto, houve um desmembramento em 1945 a cidade perdeu uma área de 20.000 Km quadrados, pois foram construídos os municípios de Rolândia e Apucarana. A USELPA (Empresa de energia Elétrica de Londrina com as Usinas Elétricas do Paranapanema S/A) apresenta em 1948 um total de 3.588 pontos de iluminação na cidade.<sup>xxiii</sup>

De fato até 1947, o progresso do Norte foi seguindo seu caminho normal e sem agitação. Mas, aberta a porteira a boiada estourou. Uma verdadeira avalanche, humana saindo de todos os recantos do Brasil e até do Estrangeiro, precipitou-se sobre este Norte, na faina de adquirir terras e se enriquecer de um dia para o outro, que tal estouro da boiada não será mais contido por nem uma força humana, nenhuma medida governamental.<sup>xxv</sup>

O Norte do Paraná representava o caminho para o progresso, nesse momento a urbanização cresce de forma vertiginosa, as mudanças são visíveis em todos os âmbitos. Sem dúvida há uma busca desenfreada pelo dinheiro fazendo com que muitos imigrantes venham para a região, uns motivados pelo trabalho, outros impulsionados pela aventura, entretanto, ao chegar decepcionam-se, pois, os lotes propagandeados pela Companhia eram vendidos a preços altíssimos, e nem todos teriam a possibilidade de adquiri-los.

Nesse momento a CPTN observa há um número desordenado de imigrantes, a cidade não daria conta de comportar essa quantidade de indivíduos, então se inicia um processo de ordenação racional, era necessário disciplinar essa população a um nível urbano. Assim a policia se alia à Companhia em busca de soluções para os problemas. Notamos na década de 1940 uma mudança no aparato policial, em uma fotografia da década de 40 na frente da delegacia de Polícia, notamos um total de 10 comissários comandados pelo então Tenente, Luiz José dos Santos.<sup>xxv</sup>

Também com truculência quem substitui o delegado Pimpão na Delegacia de Polícia foi:

*Divonsir Borbas Cortes, bacharel em Direito, iniciou o trabalho de polícia com mão pesada (...) Quando um delegado assumiu as funções numa cidade, o seu primeiro ato era baixar a portaria proibindo o jogo, reprimindo as traviatas e o porte de armas.*<sup>xxvi</sup>

Posteriormente foi sucedido, por dois outros delegados, quando em 1948 o delegado Pimpão retorna a delegacia de polícia. Os outros dois delegados se demitiram, pois não souberam negociar com a CPTN e a população, é necessário frisar que existe uma margem de irregularidade que o aparato policial tolera, pois a policia de certo modo precisa do criminoso. A delinquência é necessária, pois sem a delinquência não há polícia, dessa forma, o controle social não pode ser legitimado.

As Boates de Luxo, com seu público seletivo que pertencia á camada abastada da cidade, estabeleceram uma relação positiva, ainda que informal, com detentores do poder na cidade, dado que, na sua clientela encontravam-se delegados, juizes, profissionais liberais, outros. O poder policial atuava com restrições nessas casas. Já as casas do chamado baixo meretrício, cuja



## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

### INGRID CAROLINA ÁVILA

clientela provinha de classes populares, sofriam cotidianamente com a perseguição policial.<sup>XXVII</sup>

O aparato policial observa que alguns setores do mundo da ilegalidade são necessários, é conveniente mantê-los, pois são úteis aos domínios públicos e econômicos. Nesses lugares os policiais, além de se entregarem ao prazer das mariposas, como eram chamadas as prostitutas, também organizavam ações policiais. Os prostíbulo eram locais de diversão e também pontos de encontro, entretanto, o que não é útil para o aparato policial deve ser reprimido. Para que o aparato político-judicial funcione é necessário o uso de um discurso criminológico, assim a ideia de má conduta também deve ser corrigida.

Encontramos um Auto Criminal no qual o acusado entra com um processo-crime contra o delegado da região:

No dia 21 de Abril, domingo, às 14 e meia hora, estava o primeiro queixoso em sua casa se preparando para levar ao circo as cinco filinhas, quando, dentro de sua casa, que é uma pensão familiar, no centro, foi agredido pelo sub delegado de polícia daquela localidade. Acompanhado de dois soldados e uns nove jagunços, a socos, ponta pés e pauladas, levando-o em seguida, aos empurrões, pelas ruas, até a cadeia local, onde ficou detido até a meia noite do mesmo dia. Na cadeia o queixoso, foi novamente agredido, por um soldado, que lhe deu 12 borrachadas, dizendo serem “as mesmas” Por conta dele”. (...) O único motivo para justificar tal prisão foi terem os queixosos assinado um abaixo-assinado pedindo a exoneração do delegado.<sup>XVIII</sup>

Os mecanismos do poder “enlouquecem” e levam os agentes que estão envolvidos à cegueira. Nesse caso, em especial, o acusado foi detido por ter assinado um abaixo-assinado contra o poder policial, o delegado justifica em seu depoimento que:

Pessoa de mal procedimento, que não cumpre com suas obrigações, como acontece com o livro de hospedes de suas pensões, o qual tem recusado a inspeção policial”<sup>XXIX</sup>.

O indivíduo por conta deste ato passou um período de três (3) dias na prisão, sua mulher alegava no processo-crime que para retirar o marido da prisão vendeu três (3) porcos. A intenção dessa ação policial não visava a transformação do indivíduo, mas sim humilhá-lo. A prisão não passava de um depósito de criminosos, em contrapartida, Londrina buscava estabelecer um discurso no qual o progresso e a civilidade separariam o homem da delinquência, no entanto, o próprio aparato policial é responsável por classificá-lo como uma ameaça social.

Já a década de 1950 foi conhecida como o “jubileu de prata”, nessa época ocorrem as maiores transformações em âmbitos urbanísticos, se na década de 1940 a maioria da população estava concentrada no campo, em 1950 uma grande parte passa a habitar a cidade. Nesse momento, o poder policial sai das mãos da CPTN para ser estatizado, surge então, uma série de delegacias especializadas em determinados assuntos:

Delegacia de Segurança Pessoal deveria ser transformada em Delegacia de Costumes, a Delegacia de Vigilância e Investigação em Delegacia de Furtos e Roubos, e a Delegacia de Ordem Política e Social em Delegacia de Estrangeiros<sup>XXX</sup>

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

INGRID CAROLINA ÁVILA

Somente em 1953 se constrói na Rua Sergipe o “Cadeião”, primeira cadeia atrelada ao poder estadual na região. Localizada na área central da cidade o “Cadeião” abrigou a população carcerária até 1994, quando cedeu lugar a PEL (Penitenciária Estadual de Londrina). Decidimos estudar as prisões em Londrina até o período de 1955 pois o “Cadeião” foi um marco representativo para a cidade, ressaltamos que o papel da economia penal não se coloca a reeducar os criminosos, mas rotulá-los de forma que possam ser usados como armas pelo poder público, o interesse não é lhes ensinar nada, mas mostrar que nada podem fazer.

Essa pesquisa é fruto do projeto de Mestrado desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá (UEM), na linha de pesquisa “História das Ideias e das Instituições”, sob orientação do professor Rivail Carvalho Rolim. As hipóteses aqui apresentadas estão sujeitas a alterações, tendo em vista que a pesquisa encontrasse em desenvolvimento.

---

### NOTAS

<sup>I</sup> Mestranda no Programa de Pós – Graduação em História das Ideias e das Instituições. Essa pesquisa é fruto do projeto de Mestrado desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá (UEM), na linha de pesquisa “História das Ideias e das Instituições”, sob orientação do professor Rivail Carvalho Rolim.

<sup>II</sup> BENATTI, Paulo Antônio. **O centro e as margens: boemia e prostituição na Capital Mundial do Café.** Curitiba, 1996. Disponível em: [http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/521/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_AntonioPauloBenatte.pdf?sequence=p-14](http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/521/DISSERTA%C3%87%C3%83O_AntonioPauloBenatte.pdf?sequence=p-14).

<sup>III</sup> TOMASINO, Kimiye. “**Os movimentos sociais indígenas no Norte do Paraná**”. Boletim do CCH-UEL, Londrina, n. 22, jan./jun. 1992 P-80.

<sup>IV</sup> SHIMBA, Otavio Yassuo, UREN, Flávio Henrique da Rosa. **Londrina Cidade Cenário.** Londrina: Promic, 2000, p-15.

<sup>V</sup> BENATTI, Paulo Antônio. **O centro e as margens: boemia e prostituição na Capital Mundial do Café.** Curitiba, 1996. Disponível em: [http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/521/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_AntonioPauloBenatte.pdf?sequence=p-17](http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/521/DISSERTA%C3%87%C3%83O_AntonioPauloBenatte.pdf?sequence=p-17).

<sup>VI</sup> NIXDORF, Klaus **Londrina raízes e dados históricos.** Londrina: Promic, 2004 p-81.

<sup>VII</sup> Idem p- 81.

<sup>VIII</sup> ROLIM, Rivail Carvalho. **O Policiamento e a Ordem: Histórias da Polícia em Londrina: 1948-1962.** – Londrina: Eduel, 2013 p-17. \*O autor utiliza o Jornal Paraná Norte de 09/10/34.

<sup>IX</sup> FILHO, Marinósio. **Os Porões da delegacia,** Londrina: Promic, 1998 p-02.

<sup>X</sup> Jornal Paraná Norte 01 de Fevereiro 1938.

<sup>XI</sup> NIXDORF, Klaus **Londrina raízes e dados históricos.** Londrina: Promic, 2004 p-363.

<sup>XII</sup> Jornal Paraná Norte 01 de Fevereiro 1938.

<sup>XIII</sup> NIXDORF, Klaus **Londrina raízes e dados históricos.** Londrina: Promic, 2004 p-400.

<sup>XIV</sup> FILHO, Marinósio. **Os Porões da delegacia,** Londrina: Promic, 1998 p-03.

<sup>XV</sup> Idem p-04

<sup>XVI</sup> (DOUGLAS, 1998 p – 109)

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

INGRID CAROLINA ÁVILA

- <sup>xvii</sup> Auto criminal, Notação 195 Ac 1683 Início 01/01/1952 arquivamento 19/06/1953 (DOUGLAS, 1998 p – 109).
- <sup>xviii</sup> Jornal Norte do Paraná 08 de Agosto de 1941.
- <sup>xix</sup> Auto criminal, Notação 195 Ac 1683 Início 01/01/1952 arquivamento 19/06/1953 (DOUGLAS, 1998 p – 109).
- <sup>xx</sup> Idem
- <sup>xxi</sup> FOUCAUT, Michael. **Vigiar e punir: História da Violência nas prisões.** 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000 p-192- 193.
- <sup>xxii</sup> Jornal Paraná Norte, 1941, 2 de agosto.
- <sup>xxiii</sup> Atlas Urbano de Londrina, 2009 apud Barros, M.F.B (1998) p- 67)
- <sup>xxiv</sup> Idem.
- <sup>xxv</sup> COUTINHO, Puigarrí, São Paulo 1959 Londrina 25 anos de sua história p- 80
- <sup>xxvi</sup> BRANCO Gustavo, MIONI, F JUBILEU DE PRATA 1934- 1959 p- 25.
- <sup>xxvii</sup> FILHO, Marinósio. **Os Porões da delegacia**, Londrina: Promic, 1998 p-08-09.
- <sup>xxviii</sup> Edson Holtz p- 61
- <sup>xxix</sup> Processo Crime AC 81/41 14/11/1947 arquivado em 12/08/1942
- <sup>xxx</sup> Idem.
- <sup>xxxi</sup> ROLIM, Rivail Carvalho. **O Policiamento e a Ordem: Histórias da Polícia em Londrina: 1948-1962.** – Londrina: Eduel, 2013 p-101.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)*. Londrina: EDUEL, 1998.
- ARCHELA, ROSELY SAMPAIO. BARROS, Mirian Vizintim Fernandes. **Atlas Urbano de Londrina**. Londrina: EDUEL, 2009
- BENATTI, Paulo Antônio. **O centro e as margens: boemia e prostituição na Capital Mundial do Café**. Curitiba, 1996. Disponível em: <[http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/521/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_AntonioPauloBenatte.pdf?sequence=>](http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/521/DISSERTA%C3%87%C3%83O_AntonioPauloBenatte.pdf?sequence=>)>. Data de acesso: 28/10/2014.
- BONI, Paulo César. **Fincando Estacas!** A história de Londrina (década de 30). Londrina. Editora do autor, 2004.
- BRANCO Gustavo, MIONI, F JUBILEU DE PRATA 1934. Londrina: Promic, 1959.
- DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Editora da USP, 1988.
- FOUCAUT, Michael **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: História da Violência nas prisões.** 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GOFFMAN , Erwing. **Manicômios, prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MELOSSI, Dario; PAVARINI, Massimo. **Cárcere e fábrica: as origens do sistema penitenciário (séculos XVI-XIX)**. Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2006.
- NIXDORF, Klaus Londrina raízes e dados históricos. Londrina: Promic, 2004.
- ROLIM, Rivail Carvalho. **O Policiamento e a Ordem: Histórias da Polícia em Londrina: 1948-1962.** – Londrina : Eduel, 2013
- RUSCHE, Georg. KIRCHHEIMEIR, Otto. **Punição e Estrutura Social**. Trad. Gizlene Neder, 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2004.
- SHIMBA, Otavio Yassuo, UREN, Flávio Henrique da Rosa. Londrina: Promic, 2000.
- TOMASINO, Kimiye. “Os movimentos sociais indígenas no Norte do Paraná”. Boletim do CCH-UEL, Londrina, n. 22, jan./jun. 1992

## O NASCIMENTO DA PRISÃO EM LONDRINA DE 1930 A 1955.

INGRID CAROLINA ÁVILA

ZICMAN, Renée Barata. História **Através da Imprensa** – Algumas Considerações Metodológicas. Revista História e Historiografia. São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.  
YAMAKI, Humberto. **Labirinto da Memória**: paisagens de Londrina. Londrina, Editora Humanidades, 2006.